



TEATRO: criação e construção de conhecimento

ENTRE A TRADIÇÃO E A TRAIÇÃO:

A arte como um caminho de conhecimento e criação

ENTRE TRADICIÓN Y TRAICIÓN:

El arte como camino de conocimiento y creación

BETWEEN TRADITION AND BETRAYAL:

Art as a path to the construction of knowledge and creation

54

*Profa. Dra. Márcia Lágua de Oliveira*¹

Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
mlagua@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6247-0935>

Resumo

Este artigo busca, por meio de narrativas, histórias de vida e literatura, refletir sobre caminhos que possibilitem e favoreçam a criação e a construção de conhecimento, promovendo um contato com a arte. As histórias serão mediadoras da escrita, em busca de um espaço que possibilite o fazer artístico, a reflexão, o encontro consigo mesmo e com o outro, com a nossa cultura. Intenta debater o desdobramento das experiências e vivências entre a tradição e a traição a um status quo asfixiante, para que possam se constituir em caminhos de conhecimento e criação. Alguns interlocutores me acompanham nesse percurso, em especial Amós Oz, escritor israelense (1939-2018), e seu livro *De repente, nas profundezas do bosque*, e Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, que, em seus estudos, procurou refletir sobre as influências do ambiente e sobre a importância da criatividade no desenvolvimento humano – o que inclui a análise de relações intersubjetivas na família e na escola – contribuindo para ampliar a discussão sobre arte, cultura e conhecimento. As indagações e reflexões aqui levantadas nascem do conjunto de experiências que visam buscar novos olhares que contemplem o inter-relacionamento e a posição estruturante do outro no desenvolvimento humano e na constituição da experiência cultural. Nessa caminhada, em que tradição e traição se apresentam na sua relação irreduzível, indissociável e complementar, a fábula de Amós Oz se organiza como fio condutor da argumentação. A experiência vivida por mim como autora e artista educadora, conjuntamente com o apoio teórico, formam o eixo fundamental dessa reflexão.

Palavras-Chave: Psicanálise e educação; Espaço potencial; Criatividade; Literatura; Winnicott.

¹ Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia USP-IPUSP; Mestre em Psicologia da Educação pela Faculdade de Educação USP-FEUSP; Educadora musical; Autora dos livros *Arte e construção do conhecimento na EMIA* e *ARTE* (Coleção Vivenciar) e de artigos em livros e revistas.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Resumen

Este artículo busca, por medio de narrativas, historias de vida y literatura, reflexionar sobre caminos que posibiliten y favorezcan la creación y la construcción del conocimiento, promocionando un contacto con el arte. Las historias serán mediadoras de la escritura, en búsqueda de un espacio que posibilite el hacer artístico, la reflexión, el encuentro consigo mismo y con el otro, con nuestra cultura. Intenta debatir el desdoblamiento de las experiencias y vivencias entre la tradición y la traición a un status quo asfixiante, para que puedan constituirse en caminos de conocimiento y creación. Algunos interlocutores me acompañan en ese recorrido, en especial Amós Oz, escritor israelí (1939-2018), y su libro *De repente en lo profundo del bosque*, y Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra y psicoanalista inglés, que, en sus estudios, buscó reflexionar sobre las influencias del ambiente y sobre la importancia de la creatividad en el desarrollo humano – lo que incluye el análisis de relaciones intersubjetivas en la familia y en la escuela – contribuyendo para ampliar la discusión sobre arte, cultura y conocimiento. Las indagaciones y reflexiones aquí levantadas nacen del conjunto de experiencias que visan buscar nuevas miradas que contemplen la inter-relación y la posición estructurante del otro en el desarrollo humano y en la constitución de la experiencia cultural. En esa caminata, en la que tradición y traición se presentan en su relación irreductible, indisociable y complementaria, la fábula de Amós Oz se organiza como hilo conductor de la argumentación. La experiencia vivida por mí como autora y artista educadora, conjuntamente con el apoyo teórico, forman el eje fundamental de esa reflexión.

Palabras-Clave: Psicoanálisis y educación; Espacio potencial; Creatividad; Literatura; Winnicott.

Abstract

This article presents a reflection about ways to create and optimize the construction of knowledge through narratives, biographies and literature promoting contact with Art. The stories will be mediators of the writing in search for a space that makes possible the process of making art, as well as reflection, encounter with oneself and the other, and with culture. It aims to debate the unfolding experiences between tradition and betrayal and to an asphyxiating *status quo* so that paths of knowledge and creation can be built. Some interlocutors accompany me on this direction, specially Amós Oz, Israeli writer (1939 – 2018) and his book “Suddenly in the Depth of the Forest”, and Donald Woods Winnicott (1896 – 1971), English pediatrician and psychoanalyst who discussed the influences of the environment and the importance of creativity on human development, which includes the analysis of the intersubjective relationships within family and school, contributing to the growth of the discussion about Art, culture and knowledge. The inquiries and reflections made here come from a collection of experiences that seeks new perspectives that contemplate the interrelationships and the structuring position of the other on human development and the constitution of cultural experiences. On this route, in which tradition and betrayal present themselves in their irreducible, indissociable and complementary relationship, the fable of Amós Oz is organized as the connecting link of the arguments. My own experience as an author and art-educator, supported by theoretical knowledge, forms the basis of this reflection.



Keywords: Psychoanalysis and education; Potential space; Creativity; Literature; Winnicott.

Quando me deparei com a notícia da morte de Amós Oz em dezembro de 2018, lembrei-me de um livro de sua autoria que havia ganho, mas ainda não tinha lido. A lembrança levou-me a sua leitura. Fui, então, arrebatada pela narrativa da fábula *De repente, nas profundezas do bosque*, que provocou em mim sensações de medo, impotência, curiosidade e o afloramento de questionamentos e memórias.

Amós Oz nasceu em Jerusalém, em 1939. Esses dados já sinalizam o contexto de tempo e espaço históricos em que viveu. Ora considerado um grande escritor, ora um político derrotado ou, até mesmo, um traidor, foi um homem que buscava se colocar no lugar dos outros, pessoas comuns, e, assim, retratar seus cotidianos imersos em situações de conflito. Oz dizia-se movido pela curiosidade que, desde a infância e por toda sua vida, esteve com ele.

Como ele, fui e continuo sendo curiosa, interessada em estudos e pesquisas. Ao elaborar este texto, dialoguei com muitos interlocutores; porém, por me colocar frente a frente com minha própria experiência, com minha própria história, Amós Oz foi escolhido para me acompanhar por meio de trechos de sua fábula.

DAS PROFUNDEZAS DA MEMÓRIA

A professora Emanuela explicou à classe como é um urso, como os peixes respiram e que sons a hiena produz à noite. Ela também pendurou na sala gravuras de animais e aves. Quase todos os alunos debocharam dela, porque nunca na vida tinham visto um animal sequer. E muitos deles não acreditaram que existissem no mundo tais criaturas. (Oz, 2007, p. 7).

Este trecho inicial da fábula já capturou minha atenção, em especial a palavra

“gravura”, pois despertou em mim a memória do colégio em que iniciei meus estudos.

Em meados de 1950, ingressei na escola para cursar o primeiro ano do então chamado primário (etapa inicial da escolarização nessa época), em um externato de freiras. Já estava alfabetizada pelos meus pais. Eles deixavam lousa, giz, livros, discos, lápis e papel à disposição e, todas as noites, contavam histórias. Tínhamos uma coleção de contos para crianças, Reino Infantil, que até hoje guardo comigo.

O quintal da minha residência era um espaço que permitia construir casinhas, ser princesa, trabalhar como secretária, fazer comidinha, subir em árvores, pular muro.

Dentro de casa, nos dias de chuva, no inverno ou ao escurecer, era a hora de cantar ouvindo os discos, de montar cabanas e palácios. A televisão estava chegando aos lares e, quando não havia problemas com a transmissão (momento em que a imagem sumia, dando lugar a um grande chuveiro e indicando que o aparelho havia “saído do ar”), era possível assistir a desenhos e ao programa chamado *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

A rua era o espaço de encontro das crianças vizinhas para brincar de barra-manteiga, uni-duni-tê, cabra-cega, corre-cotia, pega-pega, batata-quente, ou andar de bicicleta. Como era bom sentir o vento no rosto! Acontecia, também, de levar alguns bons tombos.

Meu choque foi o fato de a escola ignorar toda essa experiência, um universo lúdico povoado por personagens dos contos infantis, sons, imagens, jogos, brincadeiras, devaneios. A partir dos seis anos e meio, passei a ficar sentada, por horas, em uma



carteira enfileirada com outras, ouvidos e olhos atentos à professora.

A bacia é de Babá. Babá é bonita.
Ama, ama, uma, moda, muda...

Quem era Babá? Esse era o seu nome ou ela era uma babá? Ela era bonita porque lavava o bebê ou porque emprestava a bacia para dar banho no bebê?

Meu pensamento de criança não encontrava sentido para o texto com aquelas palavras com “b”. Entretanto, não havia espaço para perguntas, para diálogo. A fim de realizar descrições das gravuras expostas nas paredes da classe era dito, pela professora, para escrever apenas e fielmente o que estava sendo visto. Depois vieram as composições. Qual a diferença entre descrever e compor? Na composição eu poderia imaginar? Mas só um pouquinho? Até hoje não sei bem o que eram as composições ou, melhor dizendo, o que deveriam ser.

No Ginásio (período de 4 anos subsequente ao curso primário, assim nomeado até 1971), o desenho apareceu como cartografia e desenho geométrico. Pintura nem pensar! Ah! Mas era permitido bordar números e letras em ponto cruz.

Aos sete anos passei a frequentar aulas de piano. O estudo pautava-se por métodos com exercícios a serem repetidos exaustivamente. Nada de tocar músicas “de ouvido”. Compor? Nem pensar! Afinal, já existiam as obras dos músicos consagrados!

Mesmo assim, a paixão pela música permaneceu e a paixão pelos livros trazia a possibilidade de alçar voos para mundos distantes, onde era possível imaginar, sonhar, em contraponto ao cotidiano da escola onde era necessário decorar e acertar.

Saindo do campo das minhas memórias e retomando a leitura do livro, vi-me levada a uma isolada, cinzenta e triste aldeia onde todos os animais desapareceram. A professora Emanuela chegou a conhecê-los e

os desenha e os descreve para as crianças – quadrúpede, peixe, réptil, pássaro ou inseto. Imita suas vozes.

Em casa, os pais garantem que esses bichos não existem, que são lendas perigosas e podem gerar maluquices. Vizinho da aldeia, há um bosque onde as crianças são proibidas de entrar. Lá, dizem, é o Reino de Nehi, um demônio. Um grande perigo ameaça quem se atrever a desobedecer – se entrar lá ou não volta, ou volta avariado.

As crianças não acreditam no que ensina Emanuela, creem que suas falas sejam invencionices de uma mulher solitária, sem ninguém para casar com ela. As afirmações dos pais têm a força de uma educação autoritária, que não acolhe perguntas e curiosidades dos pequenos.

Maia e Mati são as únicas crianças que, tomadas pela curiosidade, começam a trocar ideias e organizar um plano em segredo a fim de se arrisarem rumo ao desconhecido. Desafiando o medo instalado na aldeia, confrontando-se com o proibido, querem se embrenhar nas profundezas do bosque, num ato de traição ao status quo, enrijecido numa tradição silenciosa e fossilizada.

Ao me deparar com esse contexto da história, vejo-me levada a refletir sobre o trabalho educacional em nosso país.

Mesmo atualmente, quem trabalha com educação no Brasil, encontra dificuldades para se contrapor ao modelo autoritário e pretensamente racional que desrespeita a construção do conhecimento como leitura significativa de mundo e desconsidera o conhecimento estético, sensorial, expressivo, verbal e não verbal.

A escola preenche todo o tempo com a fala do adulto, que a criança escuta, e precisa devolver com a visão do adulto, abdicando da sua. E quando o adulto se cala, ele, o adulto, se ausenta e não tem quem acolha a palavra da criança. Então a criança percebe que a escola é



TEATRO: criação e construção de conhecimento

o espaço da fala do adulto e que para ela resta a cópia e o silêncio. (Albano, 2012, p. 61).

Ao considerar que a aquisição do conhecimento socialmente produzido e acumulado não se dá pela mera transmissão e repetição, que ele é sempre um tornar-se, um vir a ser, pergunto: como ressignificar a história por meio de ações ou objetos que tragam sentido para cada participante dos processos de ensino e aprendizagem?

ENTRE O ESTABELECIDO E O FASCÍNIO PELO DESCONHECIDO

De todas as crianças da aldeia, apenas duas, Maia e Mati, sentiam uma baita atração pelos bosques sombrios. Justamente por tanta advertência, tanto silêncio e tanto temor, ficaram fascinadas, e a imaginação os seduziu a tentar descobrir o que estava escondido nas profundezas do bosque. Mati também tinha esboçado um plano que ele revelou a Maia, porque sabia que ela era mais corajosa do que ele. Além do plano e do desejo comum de penetrar na mata, havia o segredo deles, um segredo misterioso que não dividiam com ninguém, nem com os pais... (Oz, 2007, p. 39).

Aos alunos da professora Emanuela estavam reservados o silêncio, a obediência e os conhecimentos veiculados por seus pais, que queriam esquecer o que não podiam comentar nem fazer conhecer, mas sabiam ser verdade.

Como bem observa Charlot (2000), o acesso ao saber não é construído pela história coletiva da mente, pela acumulação de conteúdos intelectuais, mas pela relação que o sujeito é capaz de estabelecer com o mundo, com ele mesmo e com os outros. A situação de aprendizagem considera não apenas o local em que se aprende, as pessoas encarregadas de ensinar, mas também um momento da história de quem aprende, um momento de outras histórias – da humanidade, da sociedade a que pertence, da educação.

Maia e Mati buscaram escapar do já estabelecido, compactuando entre si.

Crianças movidas pela curiosidade e imaginação, vivendo em um mesmo contexto, mas articulando plano para viabilizar, em conjunto, sua ousadia, com o fim de conhecer e descobrir novas respostas às velhas perguntas.

Um dos caminhos para garantir, não a individualidade, mas a subjetividade e a autonomia de um sujeito singular inscrito em um espaço-tempo sociais, em um contexto de interdependência, é resgatar o aluno que fomos e a escola que frequentamos, para refletir sobre as escolhas, contingências e necessidades com as quais nos deparamos em nossas vidas.

Talvez assim seja possível contribuir com o rompimento de alguns circuitos já viciados da educação e criar um lugar para os desafios, para os riscos diante do desconhecido, de modo que os alunos se inscrevam em um mundo partilhado com outros sujeitos, a fim de que possam se apropriar desse universo de conhecimentos e experiências e construir a si mesmos, para que se eduquem e sejam educados.

Para Safra (1999), a criança significa suas experiências não só pelo uso da fala como pela articulação das linguagens estéticas e simbólicas por meio das quais se apresenta pelos gestos, pelas sonoridades, pelas formas visuais, por uma diversidade de meios que vão constituindo um estilo pessoal, uma maneira de ser que vai se sofisticando ao longo da vida, assim como ocorre com a linguagem discursiva.

A escola formal atribui um imenso valor aos conteúdos curriculares, fragmenta o conhecimento e pouco valoriza os aspectos afetivos, sociais, éticos e estéticos para uma aprendizagem significativa, recusa o espaço dos jogos e brincadeiras e toda possibilidade expressiva e lúdica das crianças, dos professores e do próprio espaço escolar.

Ainda hoje, as indagações que me acompanham desde meu ingresso no



externato tantos anos atrás, mostram-se válidas.

Será que a escola se pergunta o que ela não sabe? Qual o lugar da arte na escola? Qual a possível contribuição quanto à relação arte e construção do conhecimento para o cotidiano da escola? E/ou para além dos muros da escola?

Aos antigos questionamentos, outros vieram se somar, derivados dos meus estudos e trajetória profissional.

Quais as marcas deixadas pelo que foi vivenciado na infância? Músicas, brinquedos, brincadeiras, jogos, histórias? Que significado essas experiências tiveram individual e coletivamente e como elas se manifestam?

A busca é por uma reflexão crítica sobre teoria e prática, no desafio da constituição de novos espaços em que o simbólico possa ter a função de criar interfaces entre as histórias de cada um, as histórias ouvidas, lidas, contadas ou criadas coletivamente, ou seja, que a construção da história de cada um se articule com o que pertence à realidade compartilhada, num encontro e numa troca constantes com o outro, com a cultura e com o mundo.

As memórias socializadas pela linguagem aproximam, num mesmo espaço histórico e cultural, os sonhos, as lembranças e as imagens do presente. Será este tesouro pessoal, constituído de nossas vivências e convivências cotidianas, que nos permite dar sentido para todas as demais experiências posteriores? Para nos sustentar em aventuras em terrenos desconhecidos, numa transgressão e que nos permita descobrir, inventar, criar?

O BOSQUE – TRAIÇÃO POÉTICA E ESTÉTICA

Mas a aventura já havia fincado neles uma raiz e tinha se infiltrado profundamente dentro dos seus sonhos à noite. E já não lhes despertava um sentimento de alegria, curiosidade ou

emoção, tampouco coragem ardente, mas apenas um sentimento cinzento e firme que se agarrou neles dois e não ia embora de jeito nenhum: é isso. É assim e pronto. Não há o que fazer. A partir de agora aquilo ficaria neles. Não lhes restava nenhuma alternativa. (Oz, 2007, p. 58).

A presença dialógica do homem em cada época e cultura, transformando e sendo transformado, numa dinâmica que contém a riqueza das singularidades, da tradição, da ação humana em comunidade e a possibilidade de surpreender-se diante do insólito, do inesperado, ainda me mobilizam em minhas reflexões, na prática profissional artístico-pedagógica e na pesquisa.

O desconforto que senti em minha vida escolar, por pensar respostas diferentes daquelas esperadas como corretas pelos professores, fazia com que eu buscasse a diversidade por mim mesma. A literatura, a música, a arte e minhas observações diante da própria vida me permitiam ampliar meus conhecimentos, tornando possível aprender aquilo que a escola não ensinava. Era como se eu quisesse também penetrar num bosque, trair o estabelecido engessado, buscando a arte em diferentes manifestações.

Felizmente, as experiências vividas durante o colegial (atual ensino médio), numa escola de freiras e só para mulheres, provocaram bem menos desconforto do que fora sentido em séries antecedentes. Em alguns momentos, éramos instigadas a questionar, discutir e argumentar. Via-me mais próxima da possibilidade de buscar desvelar parte do mistério humano com o auxílio do conhecimento adquirido, um ensaio de mediação entre os alunos e o objeto do conhecimento.

No sentido de ressignificar minha formação inicial e transformá-la em algo que possa ser compartilhado, é que trago meu caminho de formação, primeiramente buscado naquilo de que eu mais gostava – a Música. Depois da graduação, já trabalhando em uma escola de iniciação artística para



TEATRO: criação e construção de conhecimento

crianças, viria o Curso de Formação de Atores do Teatro do Vento Forte, sob a direção de Illo Krugli e a Faculdade de Pedagogia. Vivendo uma troca de saberes e fazeres com meus alunos e suas produções, pelos depoimentos dos pais, pela troca com meus colegas de trabalho e pelo desejo de um aprofundamento na observação e numa maior compreensão do trabalho desenvolvido, fui me descobrindo atriz, cantora, educadora musical, artista professora.

A atividade artística em grupos de teatro e música e a atividade pedagógica como coordenadora na escola regular, em ateliês de arte e tecnologia, em cursos de formação de professores, transbordam minha experiência para além dos muros e de todos esses espaços.

NÃO SE ATREVAM DIANTE DO ESCURO

Nunca, mas nunca mesmo, de maneira alguma, mas de maneira alguma de verdade, diziam os pais aos filhos, que nunca e de maneira alguma se atrevessem a sair de casa depois de escurecer. Se alguma criança perguntasse aos pais por quê, estes anuviavam o rosto e respondiam, porque a noite é muito perigosa. O escuro é um inimigo cruel. (Oz, 2007, p. 35).

Entre o artístico e o pedagógico, com meu fascínio pelo mistério do humano, pela natureza humana e suas histórias, encontrei eles teóricos na Psicanálise para dar suporte às minhas questões. Especificamente, elenco aqui, D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista inglês (1896-1971), para quem a psicanálise é uma extensa, muito extensa coleta de histórias (1987, p. 238).

Em seus estudos, Winnicott procurou refletir sobre as influências do ambiente no desenvolvimento humano, investigando as funções que possibilitam a constituição e o desenvolvimento do psiquismo. Suas pesquisas incluem a análise das relações intersubjetivas na família e na escola, além de contribuírem para ampliar a discussão sobre a cultura e o conhecimento.

As experiências estéticas estão presentes desde o início de nossas vidas. O encontro com o corpo da mãe traz a presença de uma história e esse corpo-mãe se faz doação para ser criado pelo bebê. O encontro com qualidades estéticas, segundo este autor, poderá abrir incontáveis caminhos para um desenvolvimento sadio, dando início ao surgimento de formas que apresentarão a singularidade de cada pessoa.

Numa constante troca com o meio, com o outro e com a cultura, cada um vai criando a sua marca, seu estilo pessoal. Um espaço de imaginação e simbolização, espaço que vai do criar/fazer para o ser no mundo e que nos possibilita a elaboração de conflitos, sensações e sentimentos que marcam nossa existência e garantem nossas marcas no mundo.

Winnicott foi um dos pioneiros a considerar o papel fundamental do ambiente na origem do psiquismo. Para ele, o que torna possível o contato com o psiquismo e o meio ambiente é a ilusão, que tem um papel importante tanto na gênese do psiquismo como no processo de simbolização, levando à criatividade e ao viver criativo num mundo compartilhado.

Viver a ilusão de estar criando a mãe é que garantirá a experiência onipotente da ilusão de criar o mundo e assim, no futuro, viver criativamente. Porém, é a desilusão que irá gradativamente promover a separação entre o eu e o não eu, entre realidade interna e realidade externa.

A este mundo ilusório que está entre a realidade interna e os fatos externos e se constitui como uma terceira área, uma área intermediária, Winnicott chamou de espaço transicional. Espaço que inclui experiências, objetos e fenômenos transicionais, universais. Eles facilitarão a trajetória que vai da subjetividade à objetividade, estando, inevitavelmente, associados ao brincar e à criatividade.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Esse espaço vazio que surge com a separação mãe-bebê pode ser preenchido com a imaginação do bebê. Temos o espaço potencial, espaço de paradoxo, pois separa e une ao mesmo tempo, sendo lugar dos fenômenos culturais – como a arte, a religião, a filosofia para o adulto.

Para este autor, a criatividade é o passaporte para a saúde mental e, nesta perspectiva, a saúde está ligada ao movimento e movimento é vida. Winnicott considera que a criatividade não está restrita aos artistas, pois o potencial criativo acha-se presente desde o início. Dependendo das trocas que o sujeito estabelecer com o meio ambiente, ao longo de sua existência, a criatividade pode ou não vir a se desenvolver. Cada ser humano tem a possibilidade e a capacidade tanto de ser criado pelo ambiente ao seu redor, como de criar e transformar o mundo por meio do gesto espontâneo.

Nesse movimento de criar e transformar o mundo, coloco o porquê das crianças da fábula como força propulsora. O enfrentamento de Maia e Mati para averiguação das dúvidas que as acometeram, a iniciativa de um planejamento clandestino, a ousadia de guardar segredos, a coragem para entrar no bosque e descobrir os perigos da noite, num ato de insubordinação, de traição ao escuro, apontam para a vida e o movimento na história.

Quero aqui ressaltar a importância e o valor do reconhecimento da criatividade pelo adulto – pais, professores (quando é feito), na medida em que este reconhecimento da produção e da participação das crianças possa garantir a vitalidade e dar a cada um sentido de existência e pertencimento diante da realidade construída e compartilhada.

Winnicott entende cultura como tradição herdada e considera os seus objetos como resultado do exercício da criatividade e uma contribuição para a construção do

patrimônio de realizações e experiências humanas historicamente acumuladas.

Com seu pensamento e seu conceito de espaço transicional, Winnicott permitiu redimensionar o brincar como função subjetivante, como experiência de acatar a realidade e transformá-la, tendo como preocupação os limites que a realidade impõe, preservando em si, porém, a possibilidade de surpreender-se, de encantar-se e de iludir-se. Entre o subjetivo e o objetivo está a origem e se estende o campo da transicionalidade, que este autor denomina campo da ilusão.

Apoiada na importância da leitura de textos e das narrativas ficcionais, busco trazer para a reflexão o uso das histórias como mediadoras de um encontro entre arte e educação, num tripé que inclui criação e construção de conhecimento.

ENTRE AS ÁRVORES: O BOSQUE COMO CAMINHO DE UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Por fim Mati decidiu levantar e se arriscar entre as pedras. As árvores do bosque à sua volta iam ficando mais opressivas e escuras, como que se juntando umas às outras com a intenção de barrar-lhe o caminho. [...] Nesse instante surgiu diante de seus olhos um muro de pedra, e nele havia um portão feito de troncos grossos, e além do muro e do portão surgiu uma espécie de nuvem iluminada por diversas tonalidades, e estranhos rumores se ouviam, altos e agudos, e vagos e opacos, fininhos e agradáveis como flocos de neve; rumores sibilantes, estridentes, sussurrantes e irritantes, chiados rascantes e agradáveis... [...] E entre todas essas vozes Mati ouviu também a voz de Maia, uma voz límpida e sonora de tanta alegria, mas o que há com você? Chega de ficar cravado aí fora, abra o portão, Mati, entre você também. (Oz, 2007, 81, p, 82).

Pela linguagem vamos tecendo histórias, desenhos, sons, canções, encontros e desencontros entre o real e a fantasia. Nesse caminho pela experiência cultural nos encontramos por meio do gesto – fala – canto



- música - movimento - dramatização -
desenho - sonho - escritos - narrativas.

A arte nos dá a possibilidade de uma leitura sensível e criativa do mundo. Por meio dela podemos nos expressar plástica, sonora, dramática, gestual e verbalmente.

Na escola, ao dar lugar para imagens, sons, falas, gestos, personagens, vamos desvelando e ampliando o repertório que cada um traz, um espaço de autoria e singularidade que inclui todos os que fazem parte do processo educativo e criativo.

As percepções provêm das várias sensações (visuais, táteis, gustativas, olfativas, auditivas) e são o meio pelo qual o indivíduo organiza e chega a uma compreensão dos fenômenos constantemente dirigidos a ele.

A arte pertence ao ser humano e as linguagens expressivas, como algo inerente ao indivíduo, podem ser despertadas, reconhecidas e desenvolvidas desde que haja espaços para isso. Os desenhos e pinturas rupestres, o efeito das sombras e o gesto de um corpo que se adaptava às condições de registro nas rochas das cavernas, os totens das hordas primevas são provas de um passado que diz de nossa humanidade: um conhecimento de mundo representado pelo seu fazer criador que nos conta sobre utensílios e instrumentos musicais no começo dos tempos e por meio dos quais o homem foi encontrando maneiras de criar símbolos e de se comunicar.

ERRARE HUMANUM EST... O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa forma simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo. Modificando os significados do espaço atravessado, o percurso foi a primeira ação estética que penetrou os territórios do caos, construindo aí uma nova ordem sobre a qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. O caminhar é

uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território. (Careri, 2013, p. 27).

O reconhecimento, a identificação, a memória simbólica podem contribuir para o desenvolvimento de um universo próprio, que, assim como ao longo da história da humanidade, vai sendo construído durante e por toda nossa vida, nos constituindo como sujeitos atuantes no mundo, agentes transformadores e produtores de cultura. Mas, o que cria entraves para que isso aconteça? Como podemos pensar em qualquer ideal superior, como liberdade e democracia, se não formos alimentados pela cultura e pela arte?

Promovendo um contato com a arte, tendo as histórias como mediadoras desse processo, busco trazer possibilidades acerca de um espaço que permita o fazer artístico, a reflexão e o encontro consigo mesmo e com o outro, com a nossa cultura. Que o desdobramento de experiências e vivências por estes caminhos entre a tradição e a traição possam se constituir em caminhos de conhecimento e de criação. Afinal, por que ainda precisamos discutir o lugar de algo que está em nossa ancestralidade? Que nos diferenciou de outros seres e que nos faz humanos?

Para Bachelard,

os mundos imaginados determinam profundas comunhões de devaneios. Chegamos ao ponto de poder interrogar a grandeza do mundo contemplado, do mundo imaginado em profundas contemplanções. (2006, p. 23).

Assim, durante toda a tardinha, ficaram os dois sentados perto de Nehi, o rei dos bosques. A tardinha continuava mais e mais, como que encantada: passadas muitas e muitas horas, a luz suave do entardecer ainda os acariciava, e depois dela veio a luz do crepúsculo, e após um tempo imensurável começaram os raios do sol poente, que continuaram mais e mais e não esmoreceram, mas cintilavam e coloriam toda



TEATRO: criação e construção de conhecimento

a amplidão do céu com um arco de sutis tonalidades, como se aqui em cima o próprio tempo já tivesse sido anulado. Apagado (Oz, 2007, p. 114).

Longa é a travessia de Mati e Maia entre o entrar e sair das profundezas do bosque. Porém, tudo se desenvolve no tempo da ação criativa, o tempo existencial. Um tempo que, segundo Safra (2010), contém

o gesto que ocorre num campo em que a experiência parece se eternizar. O tempo existencial, para que possa ser possibilidade na vida de alguém, precisa ocorrer pelo gesto criativo acontecido com ou frente ao outro humano ou divino. (Perdigão, 2010, p. 11).

Na tarefa de aprender ou apreender a realidade, precisamos transitar pelos caminhos da imaginação, da ilusão, da desilusão, do conflito, do repouso e da criação. Sempre haverá algo que nos escapa, que poderemos conhecer mais e melhor. A sensibilidade da busca nos dá a humildade de aprender.

Agora vocês dois vão em paz. E não se esqueçam. Até quando vocês crescerem e se tornarem pessoas adultas, e talvez também pais de seus filhos, não esqueçam. Uma boa

noite para vocês, Maia e Mati. Boa noite para os dois.

Quando o bosque escureceu e Maia e Mati desceram, de mãos dadas, e foram se aproximando das luzes da aldeia, Mati disse a Maia:

É preciso contar a Almon. É preciso contar a Emanuela. É preciso contar a Danir.

Maia disse:

Não apenas a eles, Mati. Nós precisaremos contar a todos. A minha mãe. Aos velhos. A seus pais. E isso não será fácil para nós. [...].

Maia disse:

É preciso também encontrar Nimi. É preciso resgatá-lo.

E Mati disse:

Amanhã.

(Oz, 2007, p. 138,139).

Ao final deste passeio por um bosque de ideias, registro o desejo de que, como Mati e Maia, possamos ousar e ficar iluminados pelo sol, adultos e crianças, educadores e educandos, a fim de que a arte ilumine a vida.

Recebido em: 01 de abril de 2019.

Aprovado em: 15 de setembro de 2019.

Publicado em: 20 de dezembro de 2019.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Ana Angélica. (2012) *O espaço do desenho: a educação do educador*. 15ª ed., São Paulo: Edições Loyola.
- A TERRA prometida de Amós Oz. (2019) *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 maio 2019. Caderno Aliás, p. E1.
- CARERI, Francesco. (2013) *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gilli.
- CHARLOT, Bernard. (2000) *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Trad. Bruni Magne. Porto Alegre: Artmed.
- OZ, Amós. (2007) *De repente, nas profundezas do bosque*. Trad. Tovar Sender. São Paulo: Cia. das Letras.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

PERDIGÃO, Andréa Bomfim. (2010) *Sobre o tempo*. São José dos Campos, SP: Pulso.

SAFRA, Gilberto. (1999) *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco.

WINNICOTT, Donald Woods. (1987) *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.